ECONOMIA

António Costa Silva: "Não é o mercado a funcionar que vai resolver nesta fase"

O professor do Instituto Superior Técnico e também líder da petrolífera Partex considera que, a exemplo de outras crises do passado, também esta inaugura uma nova era. Na futura realidade será ainda mais necessário encontrar um equilíbrio entre Estado-social e mercados livres.

David Santiago dsantiago@negocios.pt | Rosário Lira Antena 1 | João Miguel Rodrigues - Fotografia

02 de Agosto de 2020 às 23:09

O homem escolhido pelo primeiro-ministro para delinear uma Visão Estratégica para a década quer mais Estado na economia, mas não abdica dos mercados. Contudo, avisa que o mercado com rédea solta não serve para superar a crise.

Que lições há a retirar desta pandemia?

No nosso país retiramos poucas lições, mas não é só o nosso país. Os sistemas democráticos estão preparados para gerir no curto prazo e não estão vocacionados para lidar com desafios e problemas a longo prazo. Esta crise está a ensinar que precisamos de estratégia, ter um plano, uma direção e uma orientação para o futuro. Fomos incapazes de olhar para as crises de 2007-08, de prever as primaveras árabes, de prever a magnitude e a dimensão desta crise. Somos uma civilização que acumula informação de forma sem precedentes na história, nos últimos cinco anos, o volume de informação que acumulámos foi 20 vezes superior do que era há cinco anos, mas não estamos a transformar essa informação em conhecimento. É por isso que a ciência dos dados, o "big data", é absolutamente crucial, temos de ser capazes de transformar a informação em

ID: 6909909

conhecimento e usá-lo para atuar neste século.

Porque é que as coisas não evoluem para um pensamento de longo prazo?
Temos uma grande tradição de fazer planos e grandes planos que depois ficam na gaveta. O que é que pode ser diferente nesta altura? É a magnitude da crise, o volume dos recursos financeiros que vão estar disponíveis e a necessidade de respondermos. Estamos a falar do que vai ser não só a nossa vida, mas das próximas gerações, dos nossos filhos e netos, o que vão fazer, como é que vão competir neste mundo global, como é que a economia portuguesa se pode transformar, desenvolver e estruturar.

A pandemia também nos faz entrar numa nova era?

LEIA TAMBÉM

"Temos um país profundamente corporativista", diz António Costa Silva

Faz-nos entrar numa nova era. Viemos de um período em que a questão do Estado era muito discutida, o Estado era o mau da fita e o responsável por todos os problemas.

E não é?
Não. Temos de ter uma visão muito mais moderada e combinar virtuosamente o Estado com os mercados. Quando há uma pandemia deste tipo, uma ameaça externa desta dimensão, o Estado é o nosso último defensor. Ainda bem que não entrámos nas teorias do Estado mínimo e que o país não aderiu aos modelos ultraliberais totais, ainda bem que não desmantelámos o Serviço Nacional de Saúde, ainda bem que não privatizámos a Caixa Geral de Depósitos. Se isso tivesse acontecido, a tragédia hoje seria imensa. Isto é uma lição muito grande. Precisamos do Estado, evidentemente não queremos um Estado interventor na economia. Temos de combinar a vitalidade que os Estados Unidos têm em termos de mercados, que são máquinas de inovação, de competitividade, de criação de riqueza, com o Estado social europeu. Esse é que é o grande desafio em termos de futuro.

São conciliáveis?
Acho que sim.

Isso exige um recuo no processo de globalização como o conhecemos até agora?
Precisamos de um paradigma novo. Precisamos de uma nova síntese económica e política para fazer face aos problemas do século XXI. E quando se olha para todo o debate que este plano está a gerar, as pessoas analisam isso prisioneiras do passado: Ou Estado ou mercados. E, por exemplo, se olhar para a economia portuguesa, se o Estado não tiver um papel mais interventor, se não tivermos um banco de fomento com uma dimensão adequada, e com a capitalização adequada, o que é que vai acontecer às nossas empresas? Vamos ter, provavelmente, em setembro/outubro muito maiores dificuldades e podemos ter uma espécie de cascata de falências das várias empresas, com toda a vaga imensa de desemprego que isso pode trazer. Não é o mercado a funcionar que vai resolver nesta fase.

Para evitar isso é preciso mais Estado na economia?

ID: 6909909

Sim, sim. Se tivermos um banco de fomento, que é um instrumento operativo. Falei com o sistema bancário e fazia várias perguntas: "Os senhores, nesta altura, com esta empresa que está com estas dificuldades, ajudam a empresa, intervêm". A resposta é invariavelmente não, porque a banca tem os seus critérios.

Está a dizer que o Estado também só deve apoiar certas empresas?
Tem de apoiar as empresas que são cruciais. Não podemos despejar dinheiro em cima dos problemas. Isto é, empresas que nos últimos cinco anos deram sempre prejuízos, que não têm rentabilidade, que estão em áreas de mercado que não estão alinhadas com aquilo que está a crescer na economia mundial, aí não devemos intervir. Mas o banco de fomento deve intervir se temos uma empresa com rentabilidade, que apresentou resultados nos últimos cinco anos, que está operativa em vários mercados, que tem uma carteira de encomendas, mas que foi altamente penalizada pela pandemia. Se deixamos cair essas empresas, então é que temos uma economia mesmo zombie.

É saudável só ficarem as empresas com capacidade?
Isso para mim é muito claro e é por isso que no plano também está um eixo estratégico que é o eixo social. Não devemos, de forma alguma, deixar as pessoas para trás e é por isso que defendo modelos de subsidiação temporária para essas empresas e para esses empregos que estão em risco para serem requalificados e para voltarem a entrar na economia. Não podemos esquecer a franja de pessoas que estão no desemprego, que estão vivas e a quem se deve dar condições para, pelo menos, serem requalificadas e voltarem ao mercado de trabalho.

PERFIL: O "homem de números" que é humanista Nascido em 1952 em Catabola, Angola, foi aí que António Costa Silva forjou amizades que mantém até hoje. Trabalha desde há muito no setor petrolífero, tendo começado na Sonangol. Atualmente lidera a Partex, onde ajudará a concluir o processo de transição para o novo acionista, a tailandesa PTTEP. Com formação académica nas engenharias de minas e de petróleos, o gestor de carreira e docente no Instituto Superior Técnico assume-se um "homem de números". Todavia, Costa Silva é também alguém com uma visão humanista do mundo, defensor da importância das ciências sociais, conhecedor profundo dos intrincados temas da política e geopolítica do Médio Oriente e um amante de poesia. Aliás, juntamente ao "grande amigo" dos tempos de Angola, o jornalista Nicolau Santos, publicou o livro de poesia "Fotografias lentas do diabo na cama". Agora que o tempo da reforma não está longe, Costa Silva assume querer aproveitar esse tempo para escrever os livros que tem por escrever.

ID: 6909909

Respostas rápidas

CATABOLA
Mãe de tudo.

FOTOGRAFIAS LENTAS DO DIABO NA CAMA
Poesia com um grande amigo.

SONANGOL

O início de toda a minha vida profissional, uma revelação.

ISABEL DOS SANTOS
Algo que temos de esquecer.

DONALD TRUMP
O pior líder que os EUA já teve até hoje.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Uma instituição de excelência a quem estarei eternamente grato

PARTEX
É a minha casa

AMIGO
Símbolo da vida

FAMÍLIA
A nossa estrutura, a nossa
defesa.

FÉRIAS
Vou entrar daqui a dois dias, é sempre um período excelente do ano, de redefinição e reinvenção.

SONHO
Faz sempre parte da vida e carrego-o todos os dias.

AMBIÇÃO
Não sou muito ambicioso,
sou aliás modesto.

COVID-19
Cisne negro que virou tudo de pernas para o ar.

ESPERANÇA
Sinónimo de vida, se desaparece a esperança, desaparece tudo.

ID: 6909909